

O CARRO E OS BOIS: TRADIÇÃO E MODERNIDADE, ORALIDADE E LETRAMENTO EM HISTÓRIAS DE VIDA DO SUDOESTE GOIANO

Ravel Giordano PAZ*
Luzia Guimarães de OLIVEIRA
Denise Souza LIMA
Jussara Aguiar Guimarães PIRES**

RESUMO

Este trabalho, nascido de discussões de pesquisadores do projeto “Histórias e Estórias do Sudoeste Goiano”, constitui uma análise de três conjuntos de narrativas, as quais podem ser classificadas como histórias de experiências de vida e foram produzidas por moradores de fazendas no município de Caçu, localizado no Extremo Sudoeste Goiano. São textos que, embora redigidos pelos próprios narradores, contêm fortes características de discursos orais, o que nos possibilitou uma discussão a respeito das fronteiras entre *oralidade* e *letramento* no contexto sócio-cultural que eles tematizam e no qual foram produzidos. Essa discussão, no entanto, se articula a outra, mais geral, sobre as relações entre elementos “tradicionais” e “modernos” nesse mesmo contexto.

Palavras-chave: Histórias de vida - Narrativas tradicionais - Oralidade e escrita - Sudoeste Goiano.

1. Introdução

Este trabalho é fruto de pesquisas, análises e discussões empreendidas no âmbito do Projeto de Pesquisa “Histórias e Estórias do Sudoeste Goiano”, desenvolvido por professores e alunos de Letras e História da Unidade de Quirinópolis e da Extensão de Caçu da UEG. Na verdade, ele sintetiza parte das atividades do primeiro ano do projeto, na medida em que os resultados permanecem incompletos, faltando parte do material recolhido pelos pesquisadores ser sistematizada, analisada e discutida.

Embora um dos objetivos do projeto fosse escolher de narrativas orais na região abarcada por ele, principalmente nos municípios de Quirinópolis e Caçu, os pesquisadores também obtiveram materiais escritos, e mesmo um impresso, produzidos por moradores de fazendas do segundo desses municípios. De imediato, percebeu-se o interesse desse material: primeiro, por tratar-se de produções textuais muito próximas da

* Professor de Literatura da UEG-Quirinópolis, doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela USP.

** Alunas do Curso de Letras da UEG-Quirinópolis (Extensão de Caçu).

oralidade; segundo, por serem registros que fixam aspectos curiosos das “histórias de vida” de famílias ou membros de famílias estabelecidas na região da pesquisa; finalmente, por serem histórias que podem ser objeto de uma análise tanto historiográfica quanto literária, como propõe o projeto. O fato dos relatos trabalhados serem produções textuais e não registros orais não nos parece desmerecê-los, mas, pelo contrário, aponta para um fenômeno importante no contexto sócio-cultural que estudamos: a imagem do contador de histórias cercado por ouvintes numa noite estrelada se torna cada vez mais distante da realidade, e a expressão escrita é muitas vezes uma alternativa para os que têm velhas histórias para contar em nossos “tempos modernos”.

Como já se entrevê no título deste trabalho, foi isso que permitiu incluir em nossa discussão a relação entre *oralidade e letramento*,¹ e, ao mesmo tempo, aproximar essa relação de uma oposição estabelecida no texto que serviu de ponto de partida para nossos estudos teóricos: a oposição entre o “narrador tradicional” e o “escritor moderno” feita por Walter Benjamin (1986) em seu conhecido ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”. Um dos resultados mais importantes das discussões foi a percepção de que, embora sejam marcados principalmente pelos traços que Benjamin relaciona com os narradores tradicionais, os textos que obtivemos também possuem elementos que se aproximam mais da função das narrativas nas sociedades modernas. Naturalmente, isso se deve à posição histórica e culturalmente fronteiriça ocupada por esses escritores-narradores.

Outros textos teóricos não incluídos na bibliografia original foram importantes nessas discussões, sobretudo alguns capítulos do livro *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*, de Dosse (2003), e o capítulo “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”, de Peter Burke, no livro *A escrita da história: novas perspectivas*, organizado pelo mesmo autor, além de textos e livros de história goiana. Em seu livro, Dosse (2003) lembra que a “crise da idéia de progresso acentuou o renascimento das culturas anteriores à industrialização. A Nova História se esconde,

¹ Em relação aos fundamentos teóricos dessa discussão, cf. sobretudo a abordagem de Paul Zumthor (1993) em *A letra e a voz*. Sem se ater às discussões atualmente em voga na área pedagógica, a noção de “letramento” diz respeito, aqui, à incorporação da palavra escrita a um determinando *locus* social.

então, na busca das tradições, ao valorizar o tempo que se repete, as voltas e reviravoltas dos indivíduos” (DOSSE, 2003, p. 248-249).

Trata-se de uma perspectiva importante para compreender a importância de relatos sobre a fixação de famílias em uma região de desenvolvimento tardio como o Sudoeste Goiano ou sobre os percalços dos trajetos dos carros de bois: ao contrário do que talvez se suponha, as “voltas e reviravoltas” a que se ligam essas histórias participam da história viva de nosso tempo. Em *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*, Nasr Fayad Chaul (2001) questiona a aplicabilidade das noções de “atraso” e “progresso” à interpretação dos processos histórico-sociais justamente no desenvolvimento de Goiás.

Já o texto de Burke (1992) trata da revalorização da “narratividade” no discurso historiográfico, após o descrédito a que foi submetida por vertentes estruturalistas da historiografia. Nessa nova perspectiva, entretanto, a voz do pesquisador da História não deve ser a única produtora do discurso, mas deve dar lugar, também, a outras vozes, por vezes discordantes entre si ou mesmo da sua. Nessa primeira parte de nosso trabalho, apresentamos algumas “vozes” (e escritas) mais ou menos “afinadas” entre si, o que talvez se deva, sobretudo, à relativa semelhança da condição social dos enunciadores. Na continuidade, talvez dissonâncias se produzam, mas isso, se realmente se efetivar, apenas enriquecerá esta pesquisa.

Finalmente, uma pequena observação metodológica: nas citações, procuramos preservar as redações originais, sobretudo no que diz respeito à pontuação, já que é ela que imprime o ritmo às frases, ligando-se muitas vezes aos traços de oralidade dos discursos. Corrigimos os “deslizes” gramaticais apenas quando eles comprometiam a compreensão do texto, ou então quando eram insignificantes do ponto de vista lingüístico ou estilístico, como no caso da maioria dos erros ortográficos. Por outro lado, procuramos preservar alguns arcaísmos que nos pareceram significativos, como a contração da preposição “para” com apóstrofe (“p’ra”), recorrente em um dos textos trabalhados.

2. Desenvolvimentos

A origem dos três conjuntos de relatos aqui analisados (ou pelo menos de seus autores) está relacionada, direta ou indiretamente, às correntes de migração e fixação de famílias no Sudoeste Goiano impulsionadas pela expansão da pecuária na região. A primeira dessas correntes se estende ao longo de quase todo o século XIX, fortalecendo-se sobretudo a partir da década de 1830. Como informam Luís Palacín e Maria Augusta de Sant'Anna Moraes em sua *História de Goiás*, durante as “três primeiras décadas do século XIX, espalharam-se fazendas de pecuária” pelo Estado, mas é somente a partir dos anos 30 que se inicia um crescimento populacional mais significativo, também “sob os auspícios da pecuária” (PALACÍN; MORAES, 1994, p. 57-62). No Sudoeste do Estado o povoamento foi bastante lento, sendo Rio Verde a principal comarca da região ao longo desse processo.

Os dois narradores pertencentes a famílias que se fixaram nesse período na região – mais exatamente na região conhecida como Extremo Sudoeste Goiano, à qual pertence o município de Caçu – não tratam desses processos em suas histórias. Por outro lado, o terceiro conta, embora de “segunda mão”, um caso diretamente relacionado à segunda corrente migratória para a região: a que ocorreu por volta da década de 40, ou seja, a chamada “marcha para o Oeste” que se verifica a essa altura, em parte estimulada pela construção de Goiânia. Como registram Palacín; Moraes (1994), a imigração no Estado, durante a década de 40, “alcançou um elevado índice, 1,67%, que determinou, somado ao aumento vegetativo, um crescimento global da população de 3,9% anual” (idem, p. 112). No censo de 1972, o Sudoeste Goiano (considerando-o como constituído por partes das microrregiões de Meia Ponte e do Paranaíba, segundo a classificação adotada no censo) já apresentava, em termos relativos, um razoável índice de concentração populacional: entre 7,8 e 8,79 hab/km² (idem, p. 114).

Quanto a Caçu, antigo distrito emancipado de Jataí em 1953 (mas cuja fundação, enquanto localidade, é comemorada em 20 de outubro de 1917, data de uma reunião para a construção de uma capela no lugar), trata-se de um município com pouco mais de

10 mil habitantes,² e naturalmente de economia ainda hoje dependente das atividades rurais, sobretudo, a pecuária: o escudo da cidade, com um boi no centro ladeado por feixes de arroz e milho, permanece atual.

Não faz parte dos objetivos deste trabalho abordar as diferenças, seja de um ponto de vista cultural, histórico ou econômico, dos dois processos migratórios referidos e seus desdobramentos no povoamento da região. Certamente, essas diferenças são importantes, mas seu estudo exigiria uma pesquisa mais extensa e a seleção de um corpus de análise maior. Assim, buscamos um enfoque mais geral, privilegiando o exame das fronteiras entre aspectos tradicionalistas e modernizantes nas narrativas obtidas, seja em termos da mentalidade histórica que elas retratam ou no que diz respeito à sua própria configuração como narrativas.

2.1. Características gerais das narrativas estudadas

Alargando um pouco a expressão empregada pelo Núcleo de História Oral da USP – Neho (Neves, 2004), os três conjuntos de narrativas trabalhados aqui podem ser classificados como *histórias de experiências de vida*, ou seja, relatos cujo objeto são experiências de famílias ou indivíduos específicos, experiências de fato vitais ou por vezes quase episódicas, mas, em todo caso, de alguma forma associáveis a processos históricos, econômicos e sócio-culturais de relativa amplitude. Cada um desses conjuntos, no entanto, constitui um tipo de produção textual diferente.

O relato impresso em gráfica não identificada, “O velho carro de boi do papai”, datado de julho de 2003 e recolhido pela acadêmica Denise Souza Lima, consiste nas reminiscências do narrador a respeito do objeto a que se refere o título; ou seja, trata da história da construção, das características e de alguns episódios relativos ao carro de boi de uma fazenda de médio porte na região de Caçu. Segundo testemunho pessoal fornecido posteriormente, a família do Sr. Sebastião Pereira da Silva (autor do relato, hoje com 80 anos) se estabeleceu na região por volta de 1870, depois de atravessar o rio Paranaíba de canoa. Os episódios do relato, no entanto, pertencem a meados do século passado.

² Segundo dados do IBGE (www.ibge.gov.br), o município possuía 10.166 habitantes em julho de 2005, o que configura um pequeno decréscimo em relação a 1996, quando o total foi de 10.411.

O relato fotocopiado “História da família Oliveira”, recolhido pela acadêmica Jussara Aguiar Guimarães Pires, é um texto lido em uma reunião familiar. A história ocorreu em dezembro de 1996 e batizada de “I Encontro da família Oliveira”. O autor do relato, Abelardo José de Moura, se identifica como um “neto” da família, chamando a certa altura seu texto de uma “pesquisa”. As principais fontes dessa “pesquisa” foram o Sr. Antônio de Oliveira Filho, o “Tio Antônio Tunico”, e sua filha, Sra. Marta Eunilta de Oliveira Henrique, hoje respectivamente com 80 e 50 anos. Apesar de se tratar de um relato de “segunda mão” – ou “terceira”, se considerarmos que mesmo Seu Antônio não testemunhou os fatos mais antigos –, vale a pena insistir quanto à presença de diversas marcas de oralidade, em parte, talvez, por se tratar de um texto produzido para leitura em voz alta. Quanto ao conteúdo, trata principalmente da migração do “vovô Tunico”, com sua esposa e seus dez filhos (entre os quais Seu Antônio), de Minas para Goiás. A história possui duas versões, uma datilografada e outra digitada; ambas foram lidas no mesmo “Encontro”, porém em momentos distintos. Com exceção das indicações expressas, citaremos a segunda versão da narrativa, em geral mais detalhada.

Finalmente, há o conjunto de pequenos relatos manuscritos pelo Sr. Desidério Franco Moraes, produzidos sob estímulo da acadêmica Luzia Guimarães de Oliveira em maio de 2005. Segundo o autor dos relatos, sua família chegou à região em 1845, sendo uma das primeiras a se estabelecer nela. As histórias relatadas, no entanto, se passam após o nascimento do narrador, hoje com 71 anos, sendo a maioria reminiscências da infância, de fundo lúdico ou levemente moralizante.

Além da perspectiva historiográfica, esses textos podem ser analisados de um ponto de vista literário. Embora nenhum deles tenha sido escrito com o objetivo de constituir um estudo histórico ou uma obra literária, eles possuem características desses dois tipos de discurso. Também seria possível estudá-los de um ponto de vista lingüístico, mas isso fugiria aos objetivos deste trabalho. No âmbito da historiografia atual, como vimos, eles podem ser classificados como histórias de experiências de vida, mas do ponto de vista literário não é possível estabelecer uma classificação conjunta. De um modo geral, no entanto, eles possuem diversos traços comumente atribuídos ao discurso literário, inclusive, a despeito da pretensão à veracidade de todos, a ficcionalização. A certa altura da “História da família Oliveira”, por exemplo, o autor do

relato “registra” com a onisciência de um narrador balzaquiano o momento da decisão do avô de migrar para Goiás: “Um dia Vovô amanheceu triste, preocupado, pensativo, diante da responsabilidade em criar e educar todos aqueles filhos”.

Além disso, podemos traçar algumas relações mais específicas em termos de estilos e gêneros literários, embora seja preciso sublinhar que isso só é possível de um ponto comparativo, e não classificatório. A maioria dos relatos de Seu Desidério, por exemplo, se aproxima da anedota, que, embora seja um tipo de produção discursiva de circulação tanto oral quanto escrita, não é propriamente considerada um gênero literário. Muitos escritores consagrados, no entanto, cultivaram as chamadas *boutades*, as “tiradas” espirituosas de efeito humorístico e o aspecto sutilmente lúdico de alguns dos referidos relatos se aproxima um pouco delas. É o caso dessa breve história: “Outro dia um outro menino quis fazer a prece de São Francisco de Assis e começou: Senhor fazei de mim um instrumento... em vez de dizer de vossa paz, ele parou um pouco e encerrou: musical”.

Outro relato de Seu Desidério é um típico “caso”, ou “causo”: uma história de caçada. Como se sabe, o “causo” (a que alguns acrescentam o adjetivo “mineiro”) é um tipo de narrativa tradicional, geralmente de circulação oral, muito próxima do conto, tanto pela extensão quanto pelo caráter episódico. Nesse exemplo, ele se aproxima particularmente do conto moralista, um herdeiro da fábula antiga muito cultivado por autores como Voltaire e, no Brasil, Machado de Assis. Na história de Seu Desidério, um vizinho da família, denominado Tiãozinho, acompanha o pai do narrador numa perseguição a uma onça. Esta se refugia numa árvore, e Tiãozinho, mesmo sendo mal atirador, insiste em tentar derrubá-la; mas erra os tiros, desperdiçando duas balas. Apossando-se da carabina, agora com apenas uma bala, seu dono, enfim, acerta um tiro no animal, que cai no solo ainda vivo, matando um de seus cães de caça. Embora apenas implícita, a “moral” da história incide sobre a insistência irresponsável do vizinho em brincar com o perigo. Deve-se notar também a construção bem cuidada da narrativa, com o delineamento inicial da situação, a apresentação e caracterização dos “personagens” – inclusive os cães –, e mesmo a criação de um pequeno “suspense”, que antecede o “clímax” (a caçada) e o triste desenlace.

As narrativas oriundas das duas outras fontes são mais extensas: uma abrange um período de tempo relativamente longo, que transcende as experiências do narrador e mesmo suas fontes primárias, e a outra trata de um período marcante na vida do próprio narrador. Elas têm em comum, no entanto, a forte valorização das conquistas e valores familiares, por vezes investindo-os de dimensões quase heróicas. Nesse sentido, é possível dizer que elas possuem alguns traços épicos, embora, naturalmente, de forma alguma se possa chamá-las de epopéias, mesmo porque esses traços convivem com uma linguagem geralmente bastante prosaica.

Às vezes, aliás, o prosaísmo e um tom mais elevado praticamente se confundem, como nesses dos períodos da “História da família Oliveira”: “Vovó deu duro. Trabalhou de sol-a-sol para não deixar faltar nada a seu lar”. Como se vê, uma expressão de registro rebaixado é completada por outra de registro relativamente elevado. Essa duplicidade também pode ser vista numa única expressão, como a que designa a certa altura o avô Tunico: “O todo-poderoso”. A expressão pode ser vista tanto como a simples tradução de um poder de mando, pois “Naquela época, nem esposa, nem filhos participavam na decisão dos negócios da família”, quanto como o reconhecimento da força moral e da coragem de alguém que insiste, por exemplo, em se estabelecer num lugar onde “só se via mata fechada, cheia de onças, animais selvagens e perigosos”. Em todo caso, é uma expressão que, no contexto geral da narrativa, ajuda a fixar a imagem do avô como a de um patriarca e fundador, talvez não muito distante da de um patriarca bíblico.

Aliás, nas palavras do relato, a família de migrantes lutava “dia após dia, com coragem e fé em Deus acima de qualquer coisa”. Mais uma vez o tom é elevado, como nessa outra passagem, ainda referente ao avô Tunico: “Com a idéia de vir para Goiás, o horizonte que abria em sua mente era esperançoso”. A ausência de fotografias do avô ajuda a revesti-lo de um aura quase mítica. Talvez isso explique porque se diz, no início, que “Quase nada sabemos de nosso saudoso vovô”, não obstante muitas de suas ações e até alguns de seus supostos pensamentos sejam descritos. Em consonância com as variações de tom da narrativa, mistério e familiaridade se fundem de forma indissociável na imagem do avô Tunico, uma característica comum às narrativas épicas.

Ulisses, por exemplo, é por vezes um simples guerreiro e outras uma espécie de eleito dos deuses (HOMERO, 1979).

Alguns traços épicos também podem ser observados no texto “O velho carro de boi do papai”. Nesse caso, não apenas o autor do relato e outras pessoas, mas também os bois e o próprio carro são por vezes apresentados como espécies de heróis. É o que acontece, sobretudo, no longo episódio que encerra o relato, e no qual o veículo, os bois e o condutor, no caso o próprio narrador, passam por uma espécie de prova de fogo, que é conduzir a mudança de um parente ou amigo, identificado apenas como Vicente, até a futura cidade de Caçu, então conhecida como Água Fria. Devido à carga excessiva, a viagem é repleta de obstáculos. Já na partida, o excesso de peso se mostra perigoso para o carro, o que é resolvido graças à perícia do carreiro e futuro narrador, que usa forquilhas para ajudá-lo – o carro – a suportar a carga. No caminho, as dificuldades são superadas graças à solidariedade e perícia de pessoas conhecidas.

A principal dessas situações ocorre durante a subida de um morro em terreno arenoso. Os viajantes contam, então, com a ajuda de um morador da área, o amansador Ilarindo, que lhes empresta quatro de seus próprios bois e os auxilia pessoalmente na travessia. A magnitude que o carro ganha com esse acréscimo aos 14 bois que já trazia é descrita num tom quase solene, como que embalado pelos gerúndios e pela “cantiga” das rodas no chão: “Formando os 16 bois seguimos a viagem ouvindo aquela cantiga que não cessava”. Mas é quando se deparam com outro obstáculo na subida – um toco de árvore que prende as rodas do veículo – que Ilarindo mostra seu valor, ou seja, sua habilidade no trato com o carro e os bois: sugere que façam um “calçamento” e amarrem quatro bois na parte traseira do veículo para ajudar a roda a passar sobre o toco sem risco para o carro.

Sebastião e Vicente ainda contarão com o auxílio de outras pessoas, entre elas um certo “Manoel Pereira, conhecido por Pereirinha”, que lhes oferece “poso” (ou pouso) durante a noite e em cuja casa eles permanecem, sob a insistência do anfitrião, até o almoço do dia seguinte. A narração da partida dá uma idéia do valor desses gestos para o narrador: “Então agradei as meninas pelo almoço e o Pereirinha por tudo, e ainda ofereci que quando passasse lá em casa estaria às suas ordens”. Esse episódio pode ilustrar outro traço típico das epopéias, que são os ritos de hospitalidade. Na *Odisséia*,

eles se verificam sobretudo na viagem de Telêmaco, recebido com todas as honras nas ilhas por onde passa à procura de Ulisses.

Além disso, como dissemos, por vezes os bois e o próprio carro são investidos de uma espécie de “dignidade épica” na narrativa. Algo que ajuda a produzir esse efeito é a personificação a que ambos, carro e bois, são submetidos, como ocorre nessa passagem: “A boiada já estava querendo era andar, só falei vamos e o carrão já anunciou a viagem com seu belo canto que tremia aquela beira de serra”. Em outro trecho, o mesmo adjetivo (que cumpre aqui uma função semelhante à dos epítetos homéricos) com o qual o narrador caracterizara um outrora “carreiro afamado” serve para caracterizar os animais. Nesse episódio, os bois se mostravam esgotados com a viagem, e Sebastião não sabia o que fazer para animá-los. Nisso, vê chegando pela estrada seu tio Antônio Joaquim; este o aconselha a pôr na guia do carro dois bois que já haviam pertencido ao Ilarindo do episódio anterior (e que este também reconhecera, elogiando suas qualidades), afirmando que eles seriam capazes de animar os outros. O carreiro segue o conselho: “(...) então falei com os tais bois afamados, o tio falou com os do cabeçalho, a boiada deu uma pegada igual e o carrão cantou de novo rumando logo o topo de areia mais forte, até que venceu”.

A pompa e o “heroísmo” do carro de boi, sempre entoando seu “canto”, se evidenciam particularmente na narração da chegada a Água Fria: “A linda cantiga do carrão comovia os moradores. Quem estava dentro de casa saía para ver quem passava. Descemos em uma pequena rua que não era nem igual às estradas que temos no município de tão estreitinha que era. Até que chegamos no dito lugar que ia descarregar aquele peso que o carrão de papai suportara”. E os bois merecem até um pequeno “catálogo de nomes”, bem menor, mas não muito diferente dos congêneres épicos: “Ainda me lembro de alguns nomes, tinha o Mandão, o Mineiro, este tal que veio no lugar do Malandro, que morreu. Mas o Olinto não gostou do nome e colocou o de Macedo”.

É verdade que, além do valor sentimental sensível nessa passagem, os bois possuem um valor prático-econômico, mas esses valores não chegam a se chocar. Pelo contrário, eles parecem mesmo se fundir no final da narrativa, quando o pai de Sebastião o encontra já de volta à fazenda: “Papai olhou os bois e só falou assim: —

Estão empuerados mas isto é bom, boi carreiro tem mesmo que trabalhar pra ficá bão! Agora, pode soltar e coloque sal no coxo pra eles!”.

Também essa possibilidade de conciliação entre a subjetividade e a vida prática é uma característica marcante nas narrativas épicas e, de um modo geral, nas chamadas narrativas tradicionais. A relação fundamentalmente positiva com o mundo narrado que ela atesta também pode ser verificada nas narrativas que comentamos anteriormente; mas, como veremos, a relação desses relatos com a “tradição” não é tão unilateral quanto parece à primeira vista.

2.2. Tradição e modernidade, oralidade e letramento

Entre os elementos que servem para caracterizar os relatos recolhidos como “narrativas tradicionais” estão as marcas de oralidade, a valorização do conhecimento prático e o respeito à sabedoria dos mais velhos, às hierarquias e, de um modo geral, à ordem vigente. São elementos que se encontram à exaustão nesses relatos, como já tivemos a oportunidade de constatar. Em relação ao primeiro (as marcas de oralidade), basta conferir vários trechos transcritos. O segundo, relativo ao conhecimento prático, pode ser ilustrado tanto pela história de caçada de Seu Desidério (é por atirar mal, além de se comportar de forma impertinente em relação a um caçador mais experiente, que Tiãozinho põe em risco suas vidas e a dos cães) quanto por diversas passagens da história do carro de boi, por exemplo nos elogios à habilidade do “Construtor” do carro – referido assim mesmo, em maiúscula –, cujo trabalho todos acompanham com atenção; ou na lista de peças que um bom carreiro deve saber usar e cujos nomes deve trazer de cor. Quanto ao respeito aos mais velhos e seus valores, as próprias “homenagens” que constituem essas histórias podem ser vistas como um gesto nesse sentido.

Tudo isso, no entanto, pode ser relativizado sob vários aspectos. De um modo geral, as transgressões da ordem conduzem a resultados funestos, como no caso do descuido de um vaqueiro, que deixou de lado a “obrigação” para tomar “um gole”, ocasionando indiretamente a morte de um animal na história do carro de boi. Ou a própria história da caçada à onça. Por outro lado, embora se situe num contexto lúdico,

a pequena transgressão religiosa cometida pelo “menino” da anedota de Seu Desidério não deixa de ser digna de nota, e nesse caso a transgressão é aceita sem qualquer julgamento negativo. É verdade que a condição de criança do “personagem” serve de atenuante, mas há situações mais complexas que essa.

Vejamos, primeiro, um exemplo muito claro de respeito à hierarquia familiar, na “História da família Oliveira”, que é a passagem na qual o avô Tunico convoca seu filho mais velho para acompanhá-lo na primeira visita a Goiás: “Um belo dia, o vovô chamou o tio José Tunico e disse-lhe: filho você é o mais velho, vamos em Goiás conhecer estas terras e ver se é verdade o que dizem”. Como se vê, trata-se de uma determinação de difícil questionamento, pois enunciada por um pai “todo-poderoso”, mas que ao mesmo tempo atesta o zelo deste pela hierarquia “natural” existente entre seus próprios filhos. No entanto, na história do carro de boi, há um exemplo quase oposto.

Nesse caso, o segundo filho toma a dianteira do primeiro, relegado a um lugar secundário na condução dos carros do pai: “Olinto já que era o carreiro do papai desde antes (...), muito caprichoso gostava mesmo era de carrear e domar cavalo (...). Quando aparecia um carroto, Modesto mesmo sendo o mais velho servia para ser candieiro, muitas vezes ficava até zangado com o irmão mais novo e queria saber mais, com isto papai já passava as ordens direto para Olinto”. Essa inversão de papéis não conduz a um conflito agudo, mas demonstra que não é apenas a tradição e a ordem natural ou culturalmente estabelecida, mas também a iniciativa e o empenho pessoal,³ que determinam os papéis ocupados pelos indivíduos nesses contextos – ou, de um ponto de vista literário, pelos personagens dessas narrativas.

Isso parece sugerir um certo conflito cultural, ainda que por vezes latente, entre elementos ligados às noções de tradição e modernidade (ou “progresso”). Nesse sentido, a própria iniciativa de mudança do avô Tunico é um dado importante. Note-se que um dos principais motivos da decisão, sempre de acordo com o relato, é sua preocupação “diante da responsabilidade em criar e educar todos aqueles filhos. Pois não tinha

³ É verdade que pelo menos duas histórias bíblicas contêm “inversões” desse tipo: as de Esaú e Jacó e de José, ambas no Gênesis. No primeiro caso, no entanto, a “inversão” se liga ao complexo de maldição, purgação e redenção que constitui a vida de Jacó, e no segundo ela se funda no vínculo de José com o divino. Num caso, as ousadias do herói bíblico não ficam sem punição (Jacó chega a lutar com Deus, mas se torna coxo nessa luta), apesar de seu sucesso; no outro, elas têm uma base metafísica (José tem sonhos premonitórios desde a infância). No caso de Olinto, a primazia se funda puramente na iniciativa pessoal.

cultura e nem tampouco recursos financeiros, suficientes para dar-lhes uma educação cultural adequada”. Pouco adiante se afirma que o avô “acreditava no progresso e com certeza seus descendentes iriam conhecer”. A menção imediatamente anterior à falta de estradas na região à qual a família chegava não deixa dúvidas em relação ao sentido da palavra “progresso” aqui.

Aliás, “tradição” e “progresso” travam uma curiosa corrida pelos precários caminhos de Minas a Goiás na vinda definitiva do avô e sua família: “O vovô, a vovó e todos os filhos nunca tinham andado de carro, era um Caminhão, imagina eram poucas pessoas que tinham carro, eles gastaram 5 dias para chegar no Córrego Fundo, os tios que vieram a cavalo chegaram primeiro”. Note-se a sutileza da situação: a “tradição” (o transporte a cavalo) vence o “progresso” (o caminhão), mas justamente pela ausência do “progresso” local (as estradas) pelo qual anseia o próprio “chefe tradicional” (que, aliás, viaja de caminhão). Esse episódio é relatado na primeira versão da narrativa, que é também a que possui mais marcas de oralidade; na segunda, um pouco mais formal, a “competição” não é tão explícita: embora nenhum fato seja omitido, não se sublinha que os tios a cavalo chegaram antes, e o parágrafo termina com uma frase que parece atestar um certo orgulho de pioneiros do progresso: “Ninguém conhecia carro na época”.

Ambigüidades desse tipo também podem ser percebidas no relato sobre o carro de boi. Esse relato, naturalmente, visa a valorização do passado. Antes de partir para a ofensiva, no entanto, o narrador deixa entrever um certo acuidade desse “passado” em relação ao “presente”; algo explícito na primeira frase do texto: “Esse carro não é tão velho assim como o povo pensa”. É como se fosse necessário defender o carro de boi de uma época na qual somente o “novo” tem valor. E, não obstante, num certo sentido, ele serve ao “progresso” tanto quanto ao carro a motor da outra história: afinal, é também com o processo de urbanização da região que o carro conduzido por Sebastião colabora, transportando a mudança de um morador da fazenda para a cidade em formação.

Certamente esses conflitos e ambigüidades não são privilégio do tipo de produção que analisamos: nada impede que eles se manifestem em relatos propriamente orais. Mas um desdobramento particularmente importante dessa questão, aqui, é o que diz respeito ao lugar da *cultura letrada* nessas fronteiras tão instáveis. Já percebemos sua relevância no relato da “decisão” do avô Tunico, mas nas outras histórias ele se

manifesta de forma ainda mais intensa, pelo menos em um caso extrapolando para o nível do próprio fazer narrativo.

Em sua primeira “aparição” no interior de seu relato, Seu Sebastião declara: “Ainda não sabia nem ler, mas já servia para carregar dinheiro”. A frase introduz o episódio que narra o pagamento da primeira prestação do carro de boi. Ao levar o dinheiro ao construtor do carro, o pequeno Sebastião ouve o pai deste, que era também seu tio, avisar o filho: “— ‘Precisa ir anotando estas prestação para não dar dúvida no último acerto!’. Como já disse”, prossegue o narrador, “ não sabia ler mas tinha bem entendimento, devia ter uns 10 ou 12 anos de idade. Quando cheguei em casa contei o que tinha ouvido sobre as ditas prestações. Como papai também não sabia ler nem escrever pediu um dos meus irmãos mais velhos que fizesse também, umas anotações igual a que o tio falou para Afonso”.

Pelo contexto, percebe-se a ambigüidade em que se inscreve a frase inicial. Juntamente com a declaração de que, apesar de ainda iletrado, “tinha bem entendimento”, sem dúvida ela traduz um certo orgulho do narrador pela responsabilidade de transportar uma quantia significativa de dinheiro para outra fazenda. Mas também é evidente, no desenrolar do episódio, a importância que o domínio da escrita começa a assumir nas relações sociais. Note-se a intersecção entre o código tradicional, baseado na confiança, ou “na palavra”, e o moderno, baseado em registros formais, ou seja, na *letra*: não se exige, de nenhuma parte, a assinatura de documentos, mas o registro escrito é bem-vindo. Assim, o orgulho juvenil do narrador parece se ligar a um outro, apenas implícito, que é o de não só ter se alfabetizado, desenvolvendo seu “entendimento”, como de poder, agora, justamente escrever a história.

Essa intersecção entre cultura letrada e “cultura tradicional”, aqui sem dúvida harmoniosa, também pode ser entrevista na bela imagem que fecha a narrativa. Finda a história da tortuosa viagem a Água Fria e após as sábias palavras do pai, no último parágrafo, o narrador retorna subitamente ao tempo da enunciação para dizer: “Até poucos anos atrás ainda havia rastos do carrão ali na rua Paulo e Silva”. Depois disso, apenas mais uma linha: “Assino *Sebastião Pereira da Silva*”. Como não reconhecer nos “rastos” dos quais pretende lembrar seus leitores uma “assinatura” similar e paralela à

sua, um testemunho das proezas do “carrão” tão fiel quanto o seu próprio, e que afinal ajuda a lhe conferir legitimidade? “O velho carro de boi do papai”, como já se nota no próprio título, é marcado por um discurso familiar aos ouvidos do leitor: seu narrador dirige-se a ele com a mesma naturalidade com que se dirigiria a um membro da família, talvez porque, de fato, seu relato se dirigisse principalmente a estes. Assim, quando explica onde vivia o construtor do carro, diz que ele morava “ali mesmo, na fazenda aonde hoje mora Miguel meu irmão”. Nem por isso, no entanto, esse narrador tão familiar que parece não só nos falar como apontar os lugares com as mãos – e a gestualidade, como lembra Benjamin, é um dos recursos mais explorados pelos antigos narradores – abre mão (com perdão do trocadilho) de um outro gesto, com o qual se afirma como *escritor*.

Outro dado importante nesse sentido é que, apesar das marcas orais no discurso do narrador, ainda assim, ele se distingue do discurso dos “personagens”, no qual essas marcas são ainda mais fortes. Os “erros” de concordância mais explícitos, sobretudo, estão ausentes da narração direta, de modo que é certamente de forma consciente – a mesma consciência de um escritor moderno – que o autor os insere nas falas alheias. Finalmente, ainda são dignas de nota, enquanto demonstrações de zelo gramatical, as diversas correções de erros tipográficos feitas a mão por Seu Sebastião.

O letramento também marca presença importante em algumas histórias de Seu Desidério. Uma delas, que poderíamos situar num lugar intermediário entre o conto moralista e o apólogo, trata justamente de um episódio ligado à alfabetização das duas irmãs mais velhas do narrador. Ele conta que, ainda muito criança, a mais velha das duas aprendeu, “mas tudo de cor, uma história do Jeca Tatu que começava assim: Jeca Tatu era um caboclo que morava no mato, numa casinha de palha, vivia numa completa pobreza, juntamente com sua mulher magra e feia, e seus filhinhos pálidos e tristes”. A proeza desperta a inveja da mais nova, que também passa a ler, com seus recursos mais limitados, a mesma história. Mas isso serve apenas para salientar a vaidade um pouco desmedida da outra, pois é ela quem continua a protagonizar o relato: “Certa vez, papai recebeu uma carta do seu irmão, aí a mais velha quis logo ler a tal carta, que tinha o cabeçalho tradicional, desejo que ao receber esta esteje gozando boa saúde juntamente com sua família e assim por diante. Pegou a carta e começou a soletrar, desejo que ao

receber esta esteje gozando boa saúde, juntamente, aí lembrou do Jeca Tatu, e continuou o mais do que depressa, com sua mulher magra e feia, e seus filhinhos pálidos e tristes”.

Apesar de anedótico, esse fecho sem dúvida encerra uma “lição”, ou melhor, mais de uma. Primeiro, um alerta contra a vaidade excessiva, ainda que ligada a supostas virtudes. Nesse sentido, o narrador se posta como o detentor de um “saber tradicional”, relacionado a um aspecto moral e cujo lugar de enunciação é o de um indivíduo maduro que avalia os apuros dos mais jovens. A segunda “lição”, no entanto, exige um outro tipo de saber: o letrado. Afinal, esta não é outra senão uma lição de leitura: decorar nem sempre é a melhor forma de aprendizado. Note-se que também aqui a hierarquia “natural” entre as irmãs é, no mínimo, desestabilizada: seja por prudência, ausência ou sabedoria, a mais nova permanece em silêncio, enquanto a mais velha comete o erro de ostentar um saber que ainda não domina. Nesse caso, os “saberes” deveriam ser complementares, algo que talvez coubesse tanto à maturidade quanto ao estudo. No fim das contas, portanto, apesar dos conflitos latentes e das invasões mútuas, ainda aqui as fronteiras entre “tradição” e “modernidade” permanecem relativamente tranquilas.

3. Conclusão

Ao longo deste trabalho, valem-nos de algumas oposições mais ou menos cristalizadas em nossa cultura: num âmbito mais geral, a oposição “tradição” *versus* “modernidade”, e na esfera mais específica da cultura universitária, entre “relato historiográfico” *versus* “relato literário” e “oralidade” *versus* “escrita”, a essa última ligando-se variações como “literatura oral” *versus*, digamos, “literatura ‘de fato’”⁴ ou “narrativas tradicionais” *versus* “narrativas modernas”. Sem recusar um valor relativo ou pelo menos operacional a essas distinções, o principal resultado de nossas leituras e discussões, quando as trouxeram à tona, foi a evidência de sua relatividade, e, principalmente, do fato de que suas relações não constituem vias de mão única.

A tradição pode se apoiar na idéia de modernidade (ou de “progresso”), assim como as práticas ditas tradicionais podem favorecer as transformações históricas e sociais; as fronteiras entre o caráter factual e a dimensão ficcional das narrativas é muito tênue; cultura oral e cultura letrada podem se opor ou complementar das mais diversas formas. Tudo isso e muitas outras relações entre esses termos podem ser deduzidas a partir das análises precedentes. Assim como as fronteiras geográficas, também as fronteiras conceituais podem ser atravessadas em mais de um sentido e de mais de uma forma.

A sabedoria popular cunhou uma expressão que, embora remeta ao contexto histórico-social das narrativas que estudamos, ainda hoje é utilizado nas mais diversas situações: quando dizemos que alguém “está pondo o carro na frente dos bois”, alertamos para a necessidade de se agir com paciência e respeito à ordem e o tempo “certo” das coisas. Como vimos, porém, a necessidade e a inteligência humana podem determinar que se coloquem alguns bois atrás do carro. Por outro lado, a própria permanência dessa expressão popular não sugere que alguns “bois” insistem em permanecer diante dos “carros” mais modernos de nossa época, esses que parecem passar por cima de tudo? É possível aplicar a metáfora, às vezes de forma quase literal, a diversas situações, negativas ou positivas. Por exemplo, ao lugar que a pecuária de exportação ainda ocupa na economia brasileira, embora, no fim das contas, esta se

⁴ A rigor, a expressão “literatura oral” constitui uma incongruência, pois “literatura” deriva do latim *litera*, “letra”, e a letra é uma partícula específica da linguagem escrita. Não obstante, “literatura oral” é uma expressão relativamente consagrada no âmbito dos estudos históricos e literários.

subordine aos ditames do capitalismo internacional (o mesmo onde imperam as Volks e Ferraris da vida). Mas também à alternativa que as formas artesanais de produção voltam a se constituir diante do cenário de crise energética mundial que se avizinha; às tentativas de pôr essa e alternativas semelhantes em prática, como as desenvolvidas em alguns assentamentos do MST; ou à resistência, passiva ou ativa, consciente ou inconsciente, de muitas pessoas e grupos sociais à imposição de uma lógica social e econômica guiada pelo mercado financeiro, o consumismo e um desenvolvimento irresponsável.

De um modo geral, as narrativas que analisamos se postam à margem desses problemas, mesmo porque seus cenários e protagonistas parecem distantes da época ou dos lugares em que eles emergem. Essa distância, no entanto, é até certo ponto ilusória, e essa ilusão talvez só se mantenha, em parte, devido a uma característica comum a esses relatos são todos “histórias de vencedores”. Não vencedores absolutos, elevados à condição de dominadores, e muito menos vencedores sem luta, mas ainda assim vencedores: pessoas ou famílias que conseguiram se estabelecer e “conquistar seu lugar” na região a que chegaram. Certamente é por isso que as mais injustas das fronteiras e hierarquias, que são as sociais, mal se deixam perceber em suas narrativas. Seria interessante nos perguntarmos sobre o que dizem ou têm a dizer sobre tudo isso aqueles para os quais esses horizontes foram menos “épicos”. Mas essas são outras histórias.

ABSTRACT

PAZ, Ravel Giordano. The car and the oxen: tradition and modernity, orality and literacy in histories of life of Southwest of Goiás. *Temporis[ação]*, Goiás, v. 1, nº 9, Jan/Dez 2007.

This work originated as a result of discussions between the researchers of the project “Histories and Stories of Southwestern of Goiás” and constitutes an analysis of three sets of narratives that can be classified as life’s histories experiences that had been produced by inhabitants of farms in the city of Caçu, located in the Southwestern Extremity of Goiás. These are texts that were written by the proper narrators although containing many characteristics of verbal speeches that made it possible a discussion regarding the borders between *orality* and *literacy* in the socio-cultural context from where they originated.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: _____ *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 197-221.

BURKE, Peter. “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”. In: ____ *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 327-342.

CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora UFG, 2001.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Edusc, 2003.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

NEVES, Eloiza et alii. “O NEHO e a experiência de pesquisa em História Oral”, texto disponível em <<<http://www.fflch.usp.br/dh/neho/temporaes.htm>>>. Acesso em novembro de 2004.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant’Anna. *História de Goiás*. Goiânia: Editora da UCG, 1994.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.